

Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022





Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora

Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Ian de Melo Freitas

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Eraldo Medeiros Costa Neto
Elis Rejane Santana da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades / Organizadores Eraldo Medeiros Costa Neto, Elis Rejane Santana da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-935-3
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.353221802>

1. Espiritualidade. 2. Ecologia espiritual. 3. Natureza. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros (Organizador). II. Silva, Elis Rejane Santana da (Organizadora). III. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todos e todas que almejam construir uma Nova Terra, reconhecidamente majestosa, irmanados na convivência harmoniosa com os seres que vivem em suas diferentes dimensões.

PREFÁCIO

O presente livro é uma ação e organização de membros do grupo de pesquisa “Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O livro tem por organizadores os professores Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) e Dra. Elis Rejane Santana da Silva (UNEB, *Campus 3*), com a colaboração de diversos pesquisadores, de diferentes instituições de ensino superior, os quais vêm demonstrando interesse e ações no campo interdisciplinar da ciência, com foco na busca e compreensão da relação do universo espiritual com o universo natural, dentro da temática da Ecologia Espiritual. Aproveitamos esse momento para parabenizar tanto os organizadores quanto os demais autores dessa obra literária tão importante no atual momento que vivemos na ciência e academia, parabenizar pela determinação e ousadia em quebrar os paradigmas cartesianos e fechados da ciência tradicional, e por evidenciar que a ciência é um campo aberto e que nela podemos ter diferentes diálogos, diferentes olhares, diferentes percepções e diferentes atores sociais envolvidos.

O livro está organizado em quatro partes: 1) Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza; 2) Ecologia Espiritual na vertente de uma Ciência Ecocentrada; 3) Conexões com os Seres Elementais; e 4) Ecologia Espiritual e Saúde Integral. Os capítulos distribuídos nessas quatro partes apresentam diferentes olhares no contexto da Ecologia Espiritual, com reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa, formado junto ao CNPq em março de 2021. Os autores destacam, entre outras coisas: a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza; correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está apartado da Natureza, mas dela é elemento; e desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

Sobre a Ecologia Espiritual, podemos encontrar afirmações e explicações interessantes, como as que seguem, extraídas do livro “Ecologia Espiritual: o choro da Terra” (The Golden Sufi Center, 2013), editado por Llewellyn Vaughan-Lee, no qual temos textos de escritores, filósofos e mestres espirituais:

“Se é para nós restaurarmos o equilíbrio em nosso planeta, nós precisamos ir além da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e assim contribuir em trazer o sagrado de volta à vida.”

“A Ecologia Espiritual é uma resposta espiritual à presente crise ecológica. Este campo em desenvolvimento une ecologia com a consciência do sagrado existente na criação, firmando uma nova forma de se relacionar no mundo”.

"A Ecologia Espiritual propõe que as realidades físicas da crise ecológica que vivenciamos – desde os fenômenos de alteração climática ao consumismo exacerbado e poluição das águas, ar e solo, refletem uma realidade mais profunda, a da crise espiritual".

Diante da importância dessa área da ciência e de toda a contribuição que a Ecologia Espiritual pode trazer para auxiliar no entendimento e busca por soluções das crises ambientais que o mundo vem passando, inclusive com impactos na vida emocional, pessoal, social, familiar e espiritual de cada pessoa, que referendamos o presente livro, o qual chega em hora muito oportuna para fazer eco e propagar essa realidade, que tem sido negligenciada por muitos. Precisamos nos reconectar com a natureza e salvá-la enquanto temos tempo. Essa reconexão também passa pelo respeito e proteção dos povos indígenas e populações tradicionais, os quais são os guardiões da natureza e vêm passando por diversos e complexos momentos de destruição de suas culturas e formas de viver, assim como suas conexões com a natureza.

Outro ponto a ser destacado no presente livro é seu caráter internacional, pois temos capítulos de pesquisadores de países como Argentina, Canadá, Colômbia, Equador e Estados Unidos, evidenciando que a temática da Ecologia Espiritual está sendo observada, discutida e desenvolvida em várias partes do mundo. Nesse contexto, o Brasil tem como colaborar fortemente nesse universo, em virtude da gigantesca diversidade biológica e cultural que temos em nosso país, em suas diversas regiões, com uma ampla heterogeneidade cultural, étnica, social e econômica, aliadas e relacionadas aos diferentes biomas como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, entre outros, e em cada um deles, a presença marcante da espiritualidade com seus mitos e lendas, dos quais, muitos são relacionados com a proteção dos ecossistemas e sua biodiversidade.

Esse livro também contribuirá com a formação acadêmica de alunos, professores e pesquisadores que se interessem pela área da Ecologia Espiritual, fortalecendo assim o contexto da mesma como uma ciência séria, e que vem para somar com resultados robustos e necessários para enfrentar os problemas atuais da sociedade.

Termino deixando meus imensos parabéns aos organizadores e autores do livro "Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades", e desejo que o mesmo possa promover uma reconexão espiritual e natural de cada pessoa, cada leitor que tiver contato com o mesmo.

Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 05 de novembro de 2021

SUMÁRIO

PARTE I - ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADES E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

CAPÍTULO 1..... 1

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paula Chamy


Claudia Nunes-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218021>

CAPÍTULO 2..... 17

SPIRITUAL ECOLOGY: RECONNECTING WITH NATURE

Leslie E. Sponsel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218022>


CAPÍTULO 3..... 36

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE AS SERPENTES

Jamille Ferreira Marques

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Moacir Santos Tinoco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Érika Fernandes-Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218024>

PARTE II - ECOLOGIA ESPIRITUAL NA VERTENTE DE UMA CIÊNCIA ECOCENTRADA

CAPÍTULO 5..... 63

THE QUANTUM CONSCIOUSNESS PARADIGM FOR THE UNIFICATION OF SCIENCE AND SPIRITUALITY


Raul Franco Valverde

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218025>

CAPÍTULO 6..... 84

ECOLOGIA PROFUNDA


Hildo Honório do Couto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>

CAPÍTULO 7.....92

ECOLOGIA ESPIRITUAL INTEGRATIVA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARA UM MEIO AMBIENTE SUSTENTÁVEL


Ian Felipe Nascimento
Fábio dos Santos Massena
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218027>

CAPÍTULO 8..... 100

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

João José de Santana Borges


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218028>

PARTE III - CONEXÕES COM OS SERES ELEMENTAIS

CAPÍTULO 9..... 123

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO


Ana Cecília Maria Estellita Lins
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218029>

CAPÍTULO 10..... 145

LA RECIPROCIDAD CON EL REINO ELEMENTAL: UNA INTERACCIÓN DE AMOR Y ARMONÍA CAPAZ DE DETENER CATACLISMOS, PANDEMIAS Y OTRAS ALTERACIONES PLANETARIAS

Aurora Lope
Mónica Tacca


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180210>

PARTE IV - ECOLOGIA ESPIRITUAL E SAÚDE INTEGRAL

CAPÍTULO 11..... 163

MODO ANTIGO DE REZAR: INTEGRANDO A ESPIRITUALIDADE DO SER


Gemicrê do Nascimento Silva
Gabriela Passos Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180211>

CAPÍTULO 12..... 174

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE HUMANO


Geraldo Milioli
Caroline Vieira Ruschel
Isaura Awas Remor Milioli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180212>

CAPÍTULO 13..... 189

PLANTAS SAGRADAS DEL SISTEMA MÉDICO TRADICIONAL EN TIERRADENTRO,
CAUCA, COLOMBIA


Olga Lucia Sanabria Diago
Victor Hugo Quinto Huetocue

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180213>

CAPÍTULO 14..... 214

ETNOFARMACOPEA SAGRADA DEL ECUADOR: INTERACCIONES ESPIRITUALES
ENTRE GENTE Y PLANTAS

Montserrat Rios
Fabián Aguilar-Mora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180214>

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Data de aceite: 10/02/2022

Érika Fernandes-Pinto

Iniciativa Sítios Naturais Sagrados do Brasil
Brasília – DF
<https://orcid.org/0000-0003-0917-3840>

Capítulo baseado na Tese de Doutorado intitulada *Sítios Naturais Sagrados do Brasil: inspirações para o reencantamento das áreas protegidas* (FERNANDES-PINTO, 2017). (Disponível em: <https://goo.gl/ZNCE11>).

RESUMO: Ao longo da história humana, diversas visões de mundo e concepções de natureza vêm sendo construídas, consolidando a base a partir da qual os grupos estabelecem suas relações sociais e formas de interagir com o ambiente. Na contemporaneidade, a visão de separação entre sociedade e natureza vem contribuindo para um processo contínuo de agravamento dos problemas socioambientais, em uma crise de escala planetária que envolve diversas facetas e a perda da conexão com uma dimensão mais profunda da vida. Por outro lado, também se perpetuam sistemas de crenças e modos de vida vinculados a uma profunda sabedoria da natureza – especialmente entre povos indígenas e outros grupos tradicionais – alicerçados em cosmovisões onde todos os aspectos estão interligados. Eles que vêm apoiando a emergência de novos paradigmas estruturantes

da humanidade, onde os elementos naturais traduzem múltiplos significados espirituais, representados tanto no plano material quanto imaterial. Nesse processo, uma nova temática vem adquirindo visibilidade crescente em fóruns mundiais sobre políticas de conservação da natureza – os *sítios naturais sagrados*, considerados elos entre a diversidade biológica e cultural. Como abordado nesse capítulo, eles são elementos chave de um movimento global crescente, que vê a espiritualidade como força motriz para o despertar de uma nova consciência ecológica, a partir do resgate de um sentimento de unidade e comunhão com a natureza, conjugado à ideia de reencantamento e reconexão.

PALAVRAS-CHAVE: Sacralidade da natureza. Ecoespiritualidade. Valores culturais e espirituais. Reencantamento da natureza. Consciência ecológica.

THE SEARCH FOR THE LOST LINK FOR THE RECONNECTION OF SOCIETY AND NATURE AND THE ROLE OF SACRED NATURAL SITES

ABSTRACT: Throughout human history, different views of the world and conceptions of nature have been built, consolidating the base from which groups establish their social relationships and ways of interacting with the environment. Nowadays, the vision of separation between society and nature has been contributing to a continuous process of worsening socio-environmental problems, in a crisis on a planetary scale that involves several facets and the loss of

connection with a deeper dimension of life. On the other hand, belief systems and ways of life linked to a profound wisdom of nature are also perpetuated – especially among indigenous peoples and other traditional groups – based on worldviews where all aspects are interconnected. They have been supporting the emergence of new structuring paradigms for humanity, where natural elements translate multiple spiritual meanings, represented both on the material and immaterial planes. In this process, a new theme has been gaining increasing visibility in world forums on nature conservation policies – sacred natural sites, considered links between biological and cultural diversity. As discussed in this chapter, they are key elements of a growing global movement, which sees spirituality as a driving force for the awakening of a new ecological awareness, from the rescue of a feeling of unity and communion with nature, combined with the idea of re-enchantment and reconnection.

KEYWORDS: Sacredness of nature. Ecospirituality. Cultural and spiritual values. Re-enchantment of nature. Ecological awareness.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, diversas visões de mundo e concepções de natureza vêm sendo construídas, consolidando a base cultural a partir da qual os grupos humanos estabelecem as suas relações sociais o que resulta, também, em diferentes formas de perceber e interagir com o ambiente. Na contemporaneidade, importantes paradoxos têm delineado o modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade hegemônica – fundamentado em uma visão de separação entre sociedade e natureza –, o que vem contribuindo para um processo contínuo de degradação e agravamento dos problemas socioambientais em escala planetária (GUATTARI, 1990; IRVING, 2014; MORIN; KERN, 2011; MOSCOVICI, 2007).

Como consequência, a crise da atualidade, além de abranger questões ambientais centrais para o funcionamento da sociedade, assume múltiplas facetas, com profundos reflexos também nas relações sociais e suas dimensões psicológicas e éticas (GUATTARI, 1990). Por essa via de interpretação, a problemática contemporânea se expressa como a manifestação de uma crise de valores e de paradigmas estruturantes da humanidade (MORIN, 2003).

Essa é causada, entre outros aspectos, pela separação entre razão e emoção, pela dessacralização da natureza – transformada, em uma sociedade de consumo, em mero recurso a ser explorado – e pelo desencantamento do mundo, sintomas de uma problemática mais complexa que reflete a perda de conexão com uma dimensão mais profunda da vida (BOFF, 1999; LEFF, 2001; MOSCOVICI, 2007).

Entretanto, distintas percepções de mundo vêm também se perpetuando na história da humanidade, especialmente entre povos indígenas e outros grupos tradicionais cujos sistemas de crenças e modos de vida em geral estão vinculados a uma profunda

sabedoria sobre a natureza, alicerçados em cosmovisões onde todos os aspectos da vida estão interligados. Para muitos desses grupos, os elementos naturais traduzem múltiplos significados espirituais, representados tanto no plano material – o visível –, quanto na sua dimensão imaterial – o invisível (BERKES, 1999; POSEY, 1999).

No grave contexto atual da humanidade, o reconhecimento desses saberes acumulados milenarmente e o resgate de valores éticos presentes nessas fontes ancestrais formadoras da identidade das nações vêm sendo valorizados como um caminho necessário e essencial para apoiar o processo de renovação e transformação da humanidade (CARVALHO, 2013).

Nesse processo, uma nova temática vem adquirindo uma visibilidade crescente em fóruns mundiais sobre políticas de conservação da natureza – os *sítios naturais sagrados* (SNS). Reconhecidos em diversas partes do planeta, esses lugares encantados expressam valores espirituais ancestrais e a visão de sacralidade da natureza de vários grupos sociais, sendo considerados elos entre a diversidade biológica e cultural (FERNANDES-PINTO; IRVING, 2017).

O reconhecimento, a valorização e a proteção desses sítios fazem parte de um movimento global crescente, que vê a espiritualidade como força motriz para o despertar de uma nova consciência ecológica, a partir do resgate de um sentimento de unidade e comunhão com a natureza (THORLEY; GUNN, 2007).

Para compreender essa conexão, neste capítulo revisita-se o debate teórico sobre as raízes da crise civilizatória e a problematização de suas consequências até algumas abordagens contemporâneas sobre a emergência de novos paradigmas estruturantes da humanidade, conjugando-o com a ideia de reencantamento da natureza e o potencial dos SNS como elementos chaves na promoção desses valores.

DAS ORIGENS DA CRISE CIVILIZATÓRIA: A DESCONEXÃO

A situação mundial contemporânea é considerada, por diversos autores, como uma *crise civilizatória* porque, à problemática ambiental, subjaz o colapso do modelo de sociedade e dos seus paradigmas estruturantes, no que Wallerstein (2002) considerou como a própria crise do sistema mundo.

Esse processo, de acordo com alguns autores, opera a partir de um processo de ruptura que envolve múltiplas dimensões: dos seres humanos com a natureza – o que produz a crise ecológica; dos indivíduos entre si – o que acarreta em uma crise ética, social, política e econômica; e do ser humano consigo mesmo – o que reverbera como crises de caráter psicológico (ARANTES, 2005; GUATTARI, 1990; LEFF, 2001).

Para alguns autores, essas dimensões, entretanto, são apenas aspectos de uma

problemática maior, causada pela perda de valores existenciais e do sentimento de conexão com uma dimensão mais profunda da vida, no que pode ser considerado uma crise de caráter *espiritual* (ARANTES, 2005; CARVALHO, 2013).

Essa conjuntura foi traduzida por Morin (2011) como a crise geral de uma sociedade que não consegue mais acessar a sua própria humanidade.

Nas raízes dessa problemática estão a visão materialista, reducionista e mecanicista que vem influenciando, principalmente a partir do século XVII, o pensamento filosófico e científico hegemônico ocidental, com a propagação das ideias de pensadores como Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton. No processo histórico de construção da sociedade moderna, a ciência assumiu o cartesianismo, enfatizando a razão e o método científico como única forma de conhecimento.

Ao longo dos últimos séculos, a civilização vem se desenvolvendo tendo como base uma ética egocêntrica e uma lógica antropocêntrica, levando a um padrão de dominação da natureza baseado em uma suposta superioridade humana focada, por sua vez, no progresso tecnológico, no controle e na exploração dos recursos naturais e na compartimentalização da interpretação da realidade. Essa conjuntura vem sendo acompanhada por um progressivo afastamento com relação à dimensão sagrada da existência, acentuando os aspectos que fundamentam o paradigma positivista da modernidade (BOFF, 1999; IRVING, 2014; LOUREIRO, 2012; MORIN, 2003, 2011; MOSCOVICI, 2007).

Como consequência, o domínio da ciência restringiu-se, historicamente, a objetos materiais, a forças mensuráveis e à razão – em oposição a questões relacionadas com a psique e a religião. Assim, as experiências subjetivas passaram a ser consideradas como atributos secundários da realidade, irrelevantes para o estudo científico. Na visão de Marques (2016), a pesquisa científica passou, em meio a esse processo, a desprezar aspectos simbólicos da experiência vivencial, essenciais para a compreensão do fenômeno da vida. Para Morin e Kern (2011), essa conjuntura tornou o reconhecimento da verdadeira natureza do mal que acomete a civilização muito difícil, dadas suas ambivalências e complexidades.

Essa ruptura entre o material e o espiritual se reflete tanto nas relações sociais como na interação com a natureza. Destituída de seu valor intrínseco e sagrado – *dessacralizada* – a natureza passa a ser interpretada, predominantemente, por um viés utilitário, como um recurso a ser explorado para satisfazer as necessidades humanas, de forma quase totalmente dissociada de outros significados. Ou ainda, como destacado por Irving, Giuliani e Loureiro (2008), pela perspectiva do *não valor*, ou seja, apenas como um insumo para a produção de bens e serviços.

A partir dessa perspectiva, o ambiente é entendido como algo externo ao ser humano, que, por sua vez, também se percebe como desvinculado do mundo natural

(CHADDAD; GHILARDI, 2010). Na visão de Boff (2002, p.19), esse processo resulta em uma desconexão ainda mais profunda da consciência humana, que leva ao “abandono da reverência pela vida”.

Em meio a esse cenário, há um crescente entendimento de vários teóricos – como Edgar Morin (2011), Enrique Leff (2001), Félix Guattari (1990), Leonardo Boff (2002) e Serge Moscovici (2007) – de que essa visão de dicotomia entre sociedade e natureza está na base da problemática atual.

Esses autores vêm questionando a eficácia das estratégias comumente utilizadas na busca de soluções para a crise planetária – usualmente estruturadas a partir das noções de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade –, que não pressupõem uma transformação dos padrões de produção e consumo e, portanto, são insuficientes para resultar em uma mudança significativa no quadro global (IRVING, 2014; PORTO-GONÇALVES, 2004). Em outras palavras, essas alternativas, geradas pelo mesmo padrão de racionalidade que causa o problema, propõem somente *remédios paliativos* que se limitam a mitigar os sintomas da crise, sem atingir as reais causas das suas mazelas (BOFF, 2002).

Para que se possa, então, avançar efetivamente no sentido de superação da crise atual, os autores mencionados anteriormente vêm reafirmando que é necessária uma transformação na estrutura de base da sociedade, com a construção de uma nova racionalidade social e produtiva – uma verdadeira revolução na forma de ser e estar no mundo. Uma mudança de paradigma civilizatório que vai muito além do mero estímulo à preservação ambiental ou à utilização sustentável dos recursos naturais. Trata-se, na visão de Carvalho (2005, p. 15), de “buscar promover uma mudança profunda de valores em escala planetária, o que envolve a consideração de diferentes dimensões do viver”.

Da mesma forma, para Guattari (1990, p. 9), “não haverá resposta à crise ecológica a não ser que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural”. Nesse processo, é fundamental que se efetive uma desconstrução da histórica cisão entre sociedade e natureza e do mito dessa última como obstáculo para o desenvolvimento econômico (IRVING, 2010).

Uma vez que a dissociação seres humanos e natureza seja compreendida como parte fundamental da crise contemporânea, a solução para essa problemática passa não somente pela criação de tecnologias mais adequadas ambientalmente, como também pela superação dessa desconexão. Essa proposta envolveria, então, uma articulação ético-política entre pelo menos três dimensões: do ser humano com a natureza, em suas relações sociais e em sua subjetividade. Assim, não se trata de *pressagiar o fim do mundo*, mas de compreender e assumir o término de um determinado tipo de mundo, a partir de uma mudança paradigmática de bases ontológicas e epistemológicas, no que Morin (2003) denomina de *metamorfose civilizacional*.

No entanto, como argumenta Boff (2002, p. 17-18), se a falta de cuidado, em sentido *lato*, é o grande estigma da atualidade e o maior sintoma da crise civilizatória, o que seria necessário para instaurar um novo pacto social que possa conduzir a uma forma de convivência mais benfazeja para com a Terra, pautada no respeito à vida em suas múltiplas dimensões? Na visão de alguns autores, a mudança da realidade exterior – manifesta no mundo físico – passa, necessariamente, por uma mudança interior – relativa ao despertar humano para uma nova consciência ecológica planetária.

RUMO A UM NOVO PARADIGMA DE HUMANIDADE: A RECONEXÃO

O pensamento ocidental contemporâneo, alicerçado sobre o paradigma cartesiano, opera, em grande parte, por disjunção e redução da realidade, seguindo uma dinâmica de hiper especialização dos saberes, o que vem, na visão de Morin (2003), comprometendo a interpretação da realidade. Nessa linha de argumentação, para que se possa tecer uma nova concepção da relação sociedade e natureza, é necessário primeiro superar a “cegueira” do pensamento fragmentado e promover a reintegração do conhecimento em uma perspectiva multidimensional, com base no que o autor propõe como *teoria do pensamento complexo*. A esse respeito, Morin (2003, p. 13) descreve que

Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, planetários.

Assim, para interpretar os fenômenos contemporâneos seria necessário um olhar integrado sobre os elementos que constituem a realidade, incluindo não apenas aspectos econômicos, políticos, sociais, históricos e geográficos, mas também suas dimensões simbólicas e afetivas. Para Morin e Kern (2011), é preciso reconhecer que todos esses aspectos estão inevitavelmente ligados uns aos outros, em um contexto dinâmico de interdependência.

Além disso, argumenta-se que essa transformação somente pode se tornar possível como consequência da construção de uma nova ética, fundamentada na reconexão do ser humano com a natureza e no resgate da solidariedade entre as culturas planetárias. Um processo que se opera sobretudo no nível da consciência e que envolve resgatar os sentimentos fundamentais de fraternidade entre os povos e também de esperança no futuro. Assim, mesmo em meio às ruínas daquilo que o progresso destruiu, entende-se que ainda é possível restaurar os vínculos de comunhão com o sagrado e resgatar valores humanísticos aparentemente perdidos – pautados no verdadeiro, no bom e no belo (MORIN; KERN, 2011).

Essa perspectiva implica na necessidade tanto de questionar e desconstruir

a racionalidade que vem orientando o modelo de sociedade, conforme argumentado anteriormente, como a de construir uma *nova ecologia*, que permita a integração das noções de diversidade biológica e cultural e o resgate da sacralidade da natureza. Para Morin e Kern (2011), é preciso um verdadeiro impulso *religioso* para operar essa aliança solidária entre os seres humanos – religioso aqui compreendido no sentido original do termo, de *religar*. Ou seja, do resgate de uma religiosidade capaz de compreender todas as crenças e de ajudá-las a reencontrar sua fonte primordial, resgatando a missão humana de civilizar a Terra – no sentido de civilidade, e não de progresso –, mantendo a unidade e salvaguardando sua diversidade.

Nessa mesma linha de pensamento, Boff (2011) também alerta para o fato de que toda mudança de paradigma civilizatório é precedida por uma revolução na cosmologia, ou seja, na visão coletiva que a sociedade tem do universo e da vida. O autor evidencia a necessidade da humanidade superar uma era definida como *tecnozóica* – fundamentada na exploração sistemática e cada vez mais acelerada dos recursos naturais em benefício de uma minoria da população –, para adentrar em uma nova era *ecozóica* – em que o ecológico é colocado como o elemento central a partir do qual se organizam as atividades humanas.

O autor defende que o objetivo dessa mudança não consiste somente em diminuir a devastação em curso, mas alterar o estado de consciência da humanidade responsável por essa devastação. Isso implica em atribuir um novo significado à vida e ao modo de se produzir e consumir os recursos no mundo, provido a partir do sentimento do sagrado face ao mistério do universo e de nossa própria existência que, de acordo com o autor, tem origem na espiritualidade (BOFF, 2011).

Por essa perspectiva, o *elo perdido* para a reconexão sociedade e natureza somente pode ser encontrado a partir de uma transformação interior das consciências humanas, que reverbera, secundariamente, na realidade exterior do mundo. Uma visão que coaduna com ensinamentos de antigas filosofias espirituais que enfatizam a responsabilidade pessoal perante a coletividade, representada, por exemplo, na famosa frase de Mahatma Gandhi “seja a transformação que você quer ver no mundo”.

Nesse sentido, as noções apresentadas nesta reflexão nos convidam a ir além do simples nível factual dos aspectos comumente reproduzidos no discurso ambientalista – em grande parte pautados em argumentos cientificistas e utilitaristas – para adentrar em camadas mais profundas da problemática, envolvendo uma consciência ecológica atrelada à espiritualidade.

Apesar do estranhamento inicial que essas ideias ainda possam provocar sob a ótica da leitura científica positivista, ainda prevalente na contemporaneidade, algumas linhas de investigação emergentes como a *Spiritual Ecology* vêm articulando perspectivas espirituais ao debate ambiental sobre temas importantes da atualidade, tais como mudanças

climáticas, perda de espécies e desmatamento, entre outros¹.

Autores de referência nesse campo como Leslie Sponsel, organizador do livro *Spiritual Ecology: a quiet revolution* (2012), e Llewellyn Vaughan-Lee, da obra *Spiritual Ecology: The Cry of Earth* (2013), reconhecem elementos desse teor na raiz da problemática ambiental, reforçando a necessidade de uma resposta espiritual à crise ecológica.

Para esses autores, a visão de mundo patriarcal e o predomínio da orientação religiosa monoteísta em direção a uma divindade transcendente tiveram – e ainda têm – grandes efeitos sobre o cenário de degradação do mundo na atualidade. Como reforça Vaughan-Lee (2013),

Nossa atual crise ecológica é o maior desastre causado pelo homem que este planeta já enfrentou [...]. Um aspecto central, mas raramente abordado, desta crise é o nosso esquecimento da natureza sagrada da criação, e como isso afeta nossa relação com o meio ambiente. Existe uma necessidade urgente de articular uma resposta espiritual a essa crise ecológica. Isso é vital e necessário para ajudar a trazer o mundo como um todo de volta ao equilíbrio.

No Brasil essa linha de pesquisa – que se pode denominar *Ecologia Espiritual* –, ainda é incipiente². Argumentações e reflexões similares vêm sendo desenvolvidas no campo da denominada *Ecopsicologia* (CARVALHO, 2013), que propõe uma nova abordagem no estudo do comportamento humano³. Consolidada em vários países, mas ainda recente no Brasil, a Ecopsicologia se estrutura não apenas como um *locus* de encontro entre a Ecologia e a Psicologia – com interseção de vários outros campos do conhecimento – mas também como um movimento social promotor de transformações na relação da sociedade com a natureza.

Segundo Carvalho (2013), essa abordagem, para além das relações do indivíduo consigo mesmo e suas interações sociais que são o foco de trabalho de outras áreas da Psicologia, busca compreender também as relações do ser humano com o planeta e com os ecossistemas dos quais ele faz parte. Na abordagem ecopsicológica, a conexão básica com a natureza está na raiz da psique humana. A repressão dessa conexão na sociedade moderna teria gerado não apenas a perda do sentimento de pertencimento para com a natureza, como também se coloca como a causa mais profunda do que o autor chama de *conluio da insanidade* na contemporaneidade.

1 Outros termos que vêm sendo utilizados no debate internacional refletindo essas noções são *deep ecology*, *ecomisticism*, *ecospirituality*, *earth spirituality*, *earth mysticism*, *ecomysticism*, *ecopsychology*, *ecospirituality*, *ecotheology*, *green religion*, *green spirituality*, *nature mysticism*, *natural theology*, *nature religion*, *nature spirituality*, *nature worship*, *religion and ecology*, *religion and nature*, *religious ecology*, *religious environmentalism*, *religious naturalism*, *sacred ecology*, *spirituality and environmentalism* (Fonte: http://spiritualecology.info/wp-content/uploads/2013/06/SE_WordMap.pdf, acesso em: mar./2016).

2 Leonardo Boff é considerado um dos precursores dessas ideias no país, sendo seu livro *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade* (2008) uma das principais obras de referência. Ver também artigo de Costa Neto (2020) para uma abordagem atual do tema.

3 Essa linha tem como precursor Theodore Roszak, que cunhou o termo Ecopsicologia no livro *The Voice of the Earth* (publicado originalmente em 1992 e reeditado em 2002, ainda não traduzido no Brasil).

Na visão de Carvalho (2013), a não sensibilidade sobre qual é o lugar da psique humana na natureza é algo *naturalmente bizarro*, uma vez que todas as sociedades tradicionais levam em consideração que a reciprocidade entre o humano e o não humano é essencial para a sanidade. Segundo essa vertente de interpretação, o abuso na exploração da natureza pela maior parte das sociedades industriais consiste em uma forma de *psicose coletiva* do mundo contemporâneo, que desempenha um importante papel na formação da psique individual. Assim, por essa via de interpretação da realidade, a reconexão entre os seres humanos e a natureza seria a única maneira de curar não apenas o planeta, mas a própria humanidade.

Essas linhas de pensamento implicadas com as práticas sociais instigam a reavaliar as atitudes pessoais e a atentar para a responsabilidade de cada ser humano em relação ao planeta, entendendo que “se quisermos restabelecer o equilíbrio em nosso mundo, precisamos passar por baixo da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e ajudar a recuperar a vida” (VAUGHAN-LEE, 2013, p. 1).

Nesse contexto, espiritualidade e ecologia são compreendidas como campos conectados e essenciais para que seja possível o exercício de uma verdadeira cidadania planetária – uma *ecocidadania* – entrelaçada também com as noções de bem-estar e da paz. Na interpretação de Marques (2016, p. 26), “o engajamento espiritual é uma das formas mais potentes de salvar o planeta”, pois indica “um caminho de humanização de uma humanidade que insiste em desumanizar-se”.

Outra referência fundamental nesse debate consiste na *Encíclica Laudato Si* – do líder máximo da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco – sobre o cuidado para com a nossa casa comum. Publicada em 2015, ela contribuiu para trazer ao cerne de uma das religiões majoritárias do mundo a ideia de que a crise ecológica é essencialmente um problema espiritual, conclamando crentes ou não a atentar para a emergência desse processo de resgate (FRANCISCO, 2015).

Assim, diversos autores – partindo de diferentes vertentes de abordagem do conhecimento – vêm reafirmando a necessidade de que os esforços pela conservação ambiental na contemporaneidade incluam elementos que resgatem valores espirituais na busca de conscientização e envolvimento das pessoas com as questões ecológicas.

Parece haver uma busca por novas forças de *reencantamento do mundo*, capazes de devolver o mistério ao cotidiano, o que não seria uma mera aspiração romântica ou um retorno à uma forma de cultura pautada em práticas mágicas, e sim uma busca pela ressignificação da vida (PARTRIDGE, 2005). Assunção (2011) vê esse processo como o ressurgimento de uma força primordial que não é outra coisa senão a própria essência humana, a recuperação do verdadeiro sentido do *ser no mundo*.

Na visão de Moscovici (2007), desencantar o mundo consistiu, primeiramente – e

sobretudo – em desencantar os saberes do mundo, ao desqualificar as outras formas de conhecimento que não o científico. Assim, para reverter esse quadro, ele propõe que se promova o encontro entre ciência, o senso comum e as artes – em uma coalizão de saberes para a recuperação da *mítica poética da existência*.

O espírito dessa nova época que se anuncia se expressa, assim, via rupturas epistemológicas, dissoluções de paradigmas e novas junções políticas, éticas, estéticas, científicas e culturais (ECHEVERRI, 2004) e a atribuição de outros sentidos ao mundo pela resignificação da relação sociedade e natureza.

Essas concepções que vinculam a natureza com a espiritualidade não são, no entanto, novidade. Elas remetem a sabedorias ancestrais e a visões de mundo ainda habituais para muitos povos tradicionais, que vêm perpetuando na história da humanidade sistemas de crenças e modos de vida comumente vinculados a uma profunda sabedoria sobre o mundo natural e que reconhecem o ser humano como apenas um dos fios de uma grande teia de vida.

Assim, esse processo – que reforça a noção de sacralidade da natureza e a perspectiva de indissociabilidade da relação entre esta e a cultura – tem sido acompanhado também por um crescente interesse pelas antigas cosmologias e práticas espirituais dos denominados povos nativos que, em diferentes graus, preservaram essa conexão espiritual com a natureza. Como salientam Thorley e Gunn (2007), no resgate e na valorização desses conhecimentos, crenças e práticas encontram-se importantes aprendizados que podem apoiar a construção de outro padrão de relação da sociedade com a natureza, com equilíbrio e sustentabilidade.

Nos últimos anos, o resgate dessas sabedorias ancestrais tem tanto respaldo movimentos de luta e resistência dos povos tradicionais em prol do reconhecimento de seus direitos fundamentais, como também ensejado diversos movimentos de valorização e resignificação desses conhecimentos – que se exprimem na difusão de práticas originadas de filosofias orientais no ocidente e na conformação de religiosidades alternativas sincréticas.

Assim, em uma verdadeira jornada pela reestruturação da base ética das relações humanas com o planeta, a reemergência da sacralidade da natureza se coloca como uma das bases desse processo. Nesse contexto, diversos autores argumentam que na sabedoria das culturas indígenas ou originárias podem estar importantes chaves, potencialmente capazes de auxiliar na superação da crise civilizatória. Um movimento que não é de simples retorno a uma condição idílica do passado, mas de reintegração dessas percepções à consciência coletiva da sociedade no presente, gerando condições para que seja criado um novo futuro.

Esse transcurso tem sido acompanhado, também, por uma redescoberta e

ressignificação dos lugares na natureza dotados de significados simbólicos e valores culturais e espirituais, como será abordado a seguir.

OS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS COMO ELEMENTOS CHAVE PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA

Conforme explanado anteriormente, nas sociedades tradicionais os valores espirituais frequentemente estão associados a lugares específicos, imbuídos de significados e características singulares. Identificados em diversas regiões do mundo, os denominados *sítios naturais sagrados* (SNS) – além de fundamentais para a vitalidade e a perpetuação das identidades culturais dos povos a eles associados – têm se revelado também como importantes núcleos de crenças e expressões religiosas/espirituais para toda a humanidade (DUDLEY; HIGGINS-ZOGIB; MANSOURIAN, 2005; THORLEY; GUNN, 2007; VERSCHUUREN et al., 2010; FERNANDES-PINTO; IRVING, 2018).

Entendidos como “áreas de terra ou de água com um significado especial para povos e comunidades” (WILD; MCLEOD, 2008, p. 20), a expressão SNS pode ser considerada um conceito *ético* – proposto e empregado por agentes externos para se referir às culturas pesquisadas – abarcando uma grande riqueza de nomes dados a esses lugares localmente pelos nativos a partir de suas próprias categorias culturais. Essa definição abrangente e genérica remete a identificação dos seus parâmetros às características culturais dos próprios grupos sociais envolvidos, permitindo, assim, múltiplas interpretações (THORLEY; GUNN, 2007; FERNANDES-PINTO; IRVING, 2018).

Uma das características mais marcantes dos SNS consiste na relação que determinadas populações têm com esses lugares, existindo aqueles indivíduos ou grupos que assumem a responsabilidade de cuidar de um ou vários *sítios naturais sagrados*, atuando como seus *guardiões* ou *custódios*. De acordo com Wild e McLeod (2008), esses grupos podem inclusive viver a uma distância considerável de seus sítios, mantendo-se a eles conectados por meio de sua história, cultura, identidade e práticas espirituais.

Um mesmo SNS pode ter importância para mais de uma tradição espiritual ou religiosa e ser reconhecido por uma gama de organizações socioculturais. Alguns deles remontam ao período pré-histórico e a povos de culturas extintas. Mas também existem sítios que vêm sendo reconhecidos ou ressignificados por grupos sociais contemporâneos, em resposta a novas circunstâncias culturais ou mudanças do ambiente (VERSCHUUREN, 2007).

Assim, os SNS não representam elementos estáticos no tempo e no espaço, estando sujeitos a processos dinâmicos de abandono, esquecimento e extinção, por um lado, e revitalização e ressignificação, por outro.

As razões para a sacralidade de cada SNS se mostram muito variadas e eles podem

estar associados a uma ampla gama de representações sociais. Em geral, esses sítios são reconhecidos como lugares que têm uma energia ou força especial, perceptivelmente distinta da paisagem circundante. Podem remeter à ideia de retorno a uma condição idílica do passado, o local perfeito ou *paraíso*, onde a natureza inanimada é percebida como dotada de vida e o mundo, habitado também por seres elementais, mitológicos e encantados. Certos SNS são interpretados como moradas de divindades e de espíritos ancestrais; podem ter relação com alinhamentos astronômicos e fenômenos sazonais ou reconhecidos como fonte de recursos especiais como águas sagradas e plantas medicinais. Podem, ainda, estar associados a eventos significativos na história de um determinado grupo social, com suas lendas e mitos (THORLEY; GUNN, 2007; WILD; MCLEOD, 2008; FERNANDES-PINTO; IRVING, 2018).

Em linhas gerais, os *sítios naturais sagrados* são comumente concebidos como lugares especiais que favorecem experiências de conexão tanto interior – no processo de autoconhecimento – como exterior, com a teia que interliga toda a vida na Terra e também com o cosmos. Expressar esses aspectos simbólicos associados aos SNS somente pelo uso da linguagem escrita consiste em algo por si só limitado. Conforme comumente relatam seus guardiões, a magia desses lugares dificilmente pode ser explicada pela razão intelectual, pois remetem a atributos passíveis somente de serem sentidos e experienciados (FERNANDES-PINTO; IRVING, 2018).

Uma vez que o resgate e a valorização da dimensão espiritual da existência vêm sendo reconhecidos como uma necessidade intrínseca para a superação da crise contemporânea, vários autores têm argumentado que os significados culturais atribuídos aos SNS podem ter um importante papel em influenciar positivamente mudanças de percepções e atitudes que perpassam a relação entre sociedade e natureza (DUDLEY; HIGGINS-ZOGIB; MANSOURIAN, 2005).

Essa problemática é um tema de abordagem relativamente recente no âmbito das pesquisas acadêmicas, mas que vem se constituindo como objeto de uma discussão crescente nos principais fóruns mundiais sobre questões ambientais. Ela adquire, no contexto atual, uma importância estratégica central frente à um processo de construção de novos paradigmas na relação entre sociedade e natureza (FERNANDES-PINTO; IRVING, 2017)⁴.

É nesse sentido que um grande mote do debate internacional na conservação da natureza, na atualidade, vem sendo propor maneiras inovadoras para inspirar a reconexão da sociedade com a natureza⁵. Assim, para além das argumentações técnico-científicas,

4 Para uma contextualização do debate internacional sobre a temática e dos caminhos em curso para o reconhecimento e a salvaguarda de SNS recomenda-se a leitura do artigo *Sítios Naturais Sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza* de Fernandes-Pinto e Irving (2017). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/47843>.

5 Nas últimas décadas, diversos têm sido os caminhos percorridos na busca por integrar os valores culturais e espiri-

dos números catastróficos sobre a perda de habitats e espécies biológicas ou dos dados alarmantes do quadro das mudanças climáticas, se tem reforçado a importância de *contar histórias* e trazer de volta o encantamento e a magia que a natureza pode oferecer.

As iniciativas em curso nessa direção passam pelo que é denominado, por alguns autores, como *eco humanização*, ou seja, uma reaproximação dos argumentos ecológicos com aquilo que sensibiliza e emociona a sociedade. Há que se criar oportunidades para a emergência de novas estratégias de gestão ambiental criativas, integradoras e transformadoras, a partir da promoção da espiritualidade ecológica e de uma *conservação com coração*.

Nessa direção, outro aspecto destacado na literatura internacional sobre a importância dos SNS, consiste no potencial que eles apresentam para o despertar de uma ética espiritual na sociedade de forma mais ampla – um papel relevante não somente para os grupos sociais a eles diretamente relacionados, mas para toda a humanidade.

Pois como discutido por Leonardo Boff, “por trás da falta de cuidado com o planeta se oculta o vazio de consciências que não se percebem mais como parte do universo, que perderam a conexão com o todo”. Assim, para modificar as práticas da sociedade, é necessário primeiro renovar os sujeitos que as exercem.

É urgente, no contexto de crise da contemporaneidade, conforme exorta Moscovici, “descongelar do pensamento entediado, despertar de sensações anestesiadas e converter as consciências a um mundo familiar ao qual não prestávamos mais atenção, que não víamos mais por força do hábito”, restaurando a plenitude dos laços com a natureza. Afinal, “se nós não temos o sentido de participação do universo, o senso cósmico, não existe ecologia possível”.

A experiência da espiritualidade no contexto contemporâneo – ao romper as fronteiras entre religiões – representa uma poderosa força de transformação social. Conforme debatido anteriormente, não se trata da ideia de conversão religiosa no sentido convencional, mas um processo de reforma íntima que, ao restabelecer a conexão pessoal com uma unidade vital, implica em uma mudança ética na relação com a natureza e com os nossos semelhantes, capaz de inaugurar um processo de transformação que resgate valores estruturantes da essência do SER humano para um novo sentido de viver e atuar no mundo.

Assim, se a ecologia nos instiga a olhar para a situação planetária e agir pensando nas gerações futuras, o seu entrelaçamento com a espiritualidade, nos desafia e convoca a refletir também sobre a qualidade dos seres humanos que queremos ser e deixar para o

tuais associados à natureza e os SNS aos sistemas formais de áreas protegidas. Em muitos países, entretanto, esse debate permanece ainda incipiente – como no caso do Brasil e da maior parte dos países sul americanos, onde a recorrência da manifestação desse fenômeno e a sua importância para muitos grupos sociais, contrastam com o seu incipiente reconhecimento nas políticas públicas (FERNANDES-PINTO; IRVING, 2018).

nosso planeta.

Pois, como retratado em uma placa que encontrei caminhando por um parque nacional na Colômbia, “No interior do ser humano foi cortado o bosque da sua sensibilidade e secou o rio da esperança, por isso é preciso” [antes de mais nada] “reflorestar o coração!”.



Placa em trilha no Parque Nacional *Tayrona*, Santa Marta/Colômbia.

Foto de Érika Fernandes-Pinto (2016).

Caminheemos, pois, cantando...

Como exorta o Papa Francisco na *Encíclica Laudato Si*: “Que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança!”.

REFERÊNCIAS

ARANTES, J. T. **Do xamã ao Prêmio Nobel**: todos são filhos de Deus. São Paulo: Terceiro Nome, 2005.

ASSUNÇÃO, R. A. O reencantamento do mundo? Interpelando os intérpretes do desencantamento do mundo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 9, p. 1-16, 2011.

BERKES, F. **Sacred Ecology**: traditional ecological knowledge and resource management. Philadelphia, USA: Taylor & Francis, 1999.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, M. A. B. **De frente para o espelho**: ecopsicologia e sustentabilidade. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2013.

CARVALHO, V. S. **Raízes da ecologia social**: o percurso Interdisciplinar de uma ciência em construção. 2005. Tese (Doutorado). Programa EICOS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CHADDAD, F. R.; GHILARDI, R. P. Necessidades atuais para a educação ambiental: serão possibilidades? **Enciclopédia Biosfera**, v. 6, n. 9, p. 1-12, 2010.

Costa Neto, E. M. Ecologia Espiritual e patrimônio biocultural. **Travessias**, v. 14, n. 1, p. 14-23, 2020.

DUDLEY, N.; HIGGINS-ZOGIB, L.; MANSOURIAN, S. **Beyond belief**: linking faiths and protected areas to support biodiversity conservation. New York: WWF; Equilibrium; The Alliance of Religions and Conservation (ARC), 2005.

ECHEVERRI, A. P. N. **El reencantamento del mundo**. México: PNUMA. 2004.

FERNANDES-PINTO, E. **Sítios Naturais Sagrados do Brasil**: inspirações para o reencantamento das áreas protegidas. 2017. Tese de Doutorado. Programa EICOS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/ZNCE11>>.

FERNANDES-PINTO, E.; IRVING, M. A. Sítios naturais sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, p. 275-296, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/47843>. Acesso em: 15 ago 2018.

FERNANDES-PINTO, E.; IRVING, M. A. Entre santos, encantados e orixás: uma jornada pela diversidade de sítios naturais sagrados do Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 46, p. 37-60, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/57281/37082>>. Acesso em: 17 dez 2019.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'** do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf>. Acesso em: 24 set 2016.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1990.

IRVING, M. A. Áreas protegidas e inclusão social: uma equação possível em políticas públicas de proteção da natureza no Brasil? **Sinais Sociais**, v. 4, p. 122-147, 2010.

IRVING, M. A. Sustentabilidade e o futuro que não queremos: polissemias, controvérsias e a construção de sociedades sustentáveis. In: IRVING, M. A. (Org.). **Sinais sociais**, v. 9, n. 26, p. 11-36, 2014. Rio de Janeiro: SESC.

IRVING, M. A.; GIULIANI, G. M.; LOUREIRO, C. F. B. Natureza e sociedade: desmistificando mitos para a gestão de áreas protegidas. In: IRVING, M. A.; GIULIANI, G. M.; LOUREIRO, C. F. B. (Orgs.). **Parques estaduais do Rio de Janeiro**: construindo novas práticas para a gestão. São Carlos: RIMA, 2008.

LEFF, E. **Saber ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. v. 39. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época.)

MARQUES, J. **Ecologia do espírito**. 1. ed. Paulo Afonso: SABEH, 2016.

MOSCOVICI, S. **Natureza**: para pensar a ecologia. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PARTRIDGE, C. **The Re-enchantment of the West**: alternative spiritualities, sacralization, popular culture, and occulture. New York: T. & T. Clark Publishers, 2005.

POSEY, D. (ed.). **Cultural and spiritual values of biodiversity**: a comprehensive contribution to the Global Biodiversity Assessment. London: UNEP, 1999.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SPONSEL, L. E. **Spiritual ecology**: a quiet revolution. Westport: Praeger, 2012.

VAUGHAN-LEE, L. (ed.). **Spiritual ecology**: the cry of Earth. Point Reyes: The Golden Sufi Center, 2013.

THORLEY, A.; GUNN, C. M. **Sacred sites**: an overview. New York: The Gaia Foundation, 2007.

VERSCHUUREN, B. **Believing is seeing**: integrating cultural and spiritual values in conservation management. Gland, Suíça: Foundation for Sustainable Development, Earth Collective e IUCN, 2007.

VERSCHUUREN, B. *et al.* **Sacred natural sites**: conserving nature and culture. Earthscan, 2010.

WALLERSTEIN, I. **Após o Liberalismo**: em busca da reconstrução do mundo. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WILD, R.; MCLEOD, C. (ed.) **Sacred Natural Sites**: guidelines for protected area managers. Gland, Suíça: IUCN, 2008. Best Practice Protected Area Guidelines Series, n. 16. Disponível em: <https://cmsdata.iucn.org/downloads/pa_guidelines_016_sacred_natural_sites.pdf>.

SOBRE OS AUTORES

ANA CECÍLIA MARIA ESTELLITA LINS – Graduada em Letras – Português do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino para imigrantes e refugiados. Graduada em Administração Pública. Auditora de Controle Interno do Governo do Distrito Federal (aposentada). Áreas de interesse: educação e espiritualidade.

AURORA LOPE ALZINA – Licenciada em Ciências e Técnicas de Comunicação Social. Desde 2014 acompanha o Ensino da Mestra Ascensionada, dado pela Loja dos Irmãos Maiores, a Grande Fraternidade Branca, por meio do Ensino do “Eu Sou”. Em 2015, passa a integrar a Escola de Ensino Espiritual “Ciudad Kumara, Tú Evolución Espiritual”, dirigida por Mónica Tacca Ponteburu, que pratica, difunde, compartilha e expande o ensinamento original baixado para esta era. Desde 2019 é instrutora de Metafísica Básica nesta mesma escola de Ensino Espiritual e Esotérico.

CAROLINE VIEIRA RUSCHEL – Advogada Colaborativa, doutora em Direito (UFSC), pós-doutoranda em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC), membro do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans). Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

CLAUDIA NUNES SANTOS – Professora da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Estudos Socioambientais Costeiros (UFPA) e membro dos Grupos de Pesquisa “Interações humanos-não humanos”/UFS, Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ERALDO MEDEIROS COSTA NETO – Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução/UEFS e no Doutorado Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Universidade do Cauca (Colômbia). Tem experiência nos seguintes temas: etnozologia, etnoentomologia, zooterapia, herança biocultural, Ecologia Espiritual e neoxamanismo. Coordenador dos Grupos de Pesquisa “Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ÉRIKA FERNANDES PINTO – Formação em Ciências Naturais, com doutorado em Ciências Sociais. Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, buscando a convergência das políticas de conservação da natureza com os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. Idealizadora da iniciativa *Sítios Naturais Sagrados do Brasil*, que busca mapear esses lugares e divulgar a importância da sua proteção no país e em outros contextos latino-americanos. Integra o Grupo Internacional de Especialistas em Valores Culturais e Espirituais das Áreas Protegidas, da União Internacional para a Conservação da Natureza (CSVPA/

IUCN). Trabalha no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), onde coordena um programa voltado ao reconhecimento e integração dos valores culturais da natureza na gestão de áreas protegidas.

FABIAN AGUILAR-MORA – Master em Ciências, professor e pesquisador, Engenharia em Biotecnologia, Membro do Grupo de Pesquisa em Microbiologia Aplicada, Faculdade de Ciências da Vida, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA – Engenheiro Agrônomo, com doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Psicologia. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Experiência em extensão rural, cooperativismo, metodologia científica, psicologia ambiental e comunidades sustentáveis.

GABRIELA PASSOS MOREIRA – Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Professora Pedagoga e especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino. Terapeuta integrativa vibracional, aromaterapeuta, taróloga e radiestesista.

GEMICRÊ DO NASCIMENTO SILVA – Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, Especialista em Metodologia e Ensino do Desenho. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana nas disciplinas História da Arte e Desenho. Coordenador do Programa de Extensão “Artes Transdisciplinares e Culturas: Repertórios Simbólicos e Ecopedagógicos no Cotidiano de Educar”.

GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA – Professor, Pesquisador, Escritor e Psicanalista. Vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FEBRAPS/IPA). Atua nos seguintes Programas de Pós-graduação: Biociência Animal/UFRPE; Biodiversidade/UFRPE; Ciências Ambientais/UFRPE; Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL; Ecologia Humana/UNEB.

GERALDO MILIOLI – Sociólogo, docente/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Coordenador do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans) e do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

HILDO HONÓRIO DO COUTO – Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Atua nas seguintes áreas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Fundador de “Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)”.

IAN FELIPE NASCIMENTO – Discente do curso de Geografia (bacharelado) na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ISAURA AWAS REMOR MILIOLI – Bacharel em Naturologia, pós-graduada em Tanatologia. Naturóloga da Prefeitura Municipal de Laguna – SC. Integrante do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

JAMILLE FERREIRA MARQUES – Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da UCSAL. Membro do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Colaboradora do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL e membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES – Doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus* III). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Corpoética: estudos interdisciplinares em Comunicação, Educação e Saúde”. Autor dos livros “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” (2015), “Ecologia mística” (2017), “Corpoética: yoga nas escolas” (2017), “O Yogue e o Pajé nas sendas do misticismo ecológico” (2020). Professor de Yoga, iniciado no Tantra Yoga pela Amanda Marga.

LESLIE E. SPONSEL – Professor Emérito do Departamento de Antropologia, Universidade do Havaí, Honolulu. Autor do livro “Spiritual Ecology: a quiet revolution” (Praeger, 2012).

MOACIR SANTOS TINOCO – Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Coordenador do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL. Membro do Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos/UFRPE. Atua junto aos Programas de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL e Biodiversidade/UFRPE. Membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

MÓNICA PATRICIA TACCA – Filósofa, advogada, além de leiloeira pública e corretora imobiliária. Fundadora do Grupo Ciudad Kumara, com sede em Córdoba, Argentina, agrupando pessoas de diferentes lugares. Seus áudios e vídeos encontram-se disseminados nas redes sociais, geralmente sob o título de Ciudad Kumara, Tu Evolución Espiritual, ou simplesmente Ciudad Kumara.

MONTERRAT RIOS – Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Pará. Professora, Engenharia em Biotecnologia, Faculdade de Ciências da Vida, Pesquisadora do Grupo de

Biogeografia e Ecologia Espacial, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador. Membro do Grupo Mundial de Especialistas em Plantas Medicinais, Comissão de Sobrevivência de Espécies, União Internacional para Conservação da Natureza. Colabora em iniciativas governamentais e privadas de desenvolvimento social e gestão ambiental direcionadas a melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais nas áreas urbanas e rurais. Mestre em Programação Neurolinguística. Mestre em Filosofia da Yoga. Mestre em Reiki. Praticante de Reprogramação de DNA. Eterno Estudante do Caminho da Bíblia Sagrada.

OLGA LUCIA SANABRIA DIAGO – Doutora em Ciências, pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares do Meio Ambiente da UNAM, México. Professora Titular do Departamento de Biologia da Universidade do Cauca, Colômbia. Coordena o Doutorado em Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Unicauca. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

PAULA CHAMY – Graduada em História e em Direito, com doutorado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora colaboradora do NEPAM/ UNICAMP, atuando nos seguintes temas: etnoconhecimento e etnoconservação, ambiente e sociedade, unidades de conservação de uso direto e sustentabilidade, gestão compartilhada de recursos de uso comum, políticas públicas para conservação.

RAUL FRANCO VALVERDE – Diretor acadêmico Co-op dos programas de Operações de Gestão da Cadeia de Abastecimento e Gestão de Tecnologia Empresarial. Nesta função, fornece aconselhamento acadêmico e de carreira, além de coaching para os alunos que fazem parte destes programas. Professor sênior da Concordia University e presidente do Conselho de Credenciamento de Gestão de Tecnologia Empresarial da Technation Canada. Professor Adjunto na Universidade de Quebec em Outaouai.

VICTOR HUGO QUINTO HUETOCUÉ – Ecólogo da Fundação Universitária de Popayán. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades


Ano 2022





www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

